



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático: Educação de Crianças de 0 a 6 anos

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA A PARTIR DE JOGOS ALFABÉTICOS COM CRIANÇAS DE 5 E 6 ANOS

Aline Rafaela Lima e Silva (UFRPE – UAG)

RESUMO

O ensino da escrita, embora pareça uma tarefa muito simples, traz consigo uma complexidade relevante no processo de aprendizado do Sistema de Escrita Alfabética – SEA, tendo em vista que segundo Soares (2002), alguns indivíduos leem e escrevem palavras (alfabetização), mas, não compreendem seus usos e funções (letramento). Nesse sentido, é elementar a presença do mestre como mediador desse processo para que as crianças possam construí-lo com eficácia. Esse estudo objetivou analisar as possibilidades de trabalho com uma turma de 1º ano de Ensino Fundamental a fim de ampliar os conhecimentos dos educandos em relação ao aprendizado sobre o sistema de escrita, por meio de jogos e práticas de reflexão sobre o SEA, favorecendo o contato dos mesmos com o mundo letrado. Para tanto, foram vivenciadas etapas de reflexão sobre os aspectos relativos à consciência grafofônica a partir dos quais as crianças efetivariam sua introdução a um contexto social de contato próprio com habilidades de leitura e escrita, que as levaram a um maior aprendizado na matéria de Língua Portuguesa, bem como nas demais que necessitam desse saber para que os outros se desenvolvam com maior eficácia.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação do SEA; Jogos alfabéticos; Consciência fonológica; Correspondência grafofônica.

• INTRODUÇÃO

A escrita é uma das ferramentas mais importantes para a linguagem, tendo em vista que é a partir da mesma que a interação na sociedade na qual estamos inseridos ocorre em excelência. A necessidade de registrar os acontecimentos do cotidiano instituiu um meio de comunicação indispensável a toda a humanidade, uma vez que o mesmo propicia uma relação de várias gerações acerca dos acontecimentos e fatos históricos que seriam perdidos na ausência de formas escritas que os documentassem. Cotidianamente temos a carência de dominar o sistema de escrita, podendo através do mesmo expressar ideias e sentimentos, interagir, expor novas ideias sobre um determinado assunto, dentre outras.

Diante desse quadro, o conhecimento aprofundado das atuais práticas desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental é essencial para

compreendermos a variabilidade de eficácia das ações dos docentes de nossas redes de ensino e identificarmos componentes daquelas que levam os alunos a melhor se apropriarem da linguagem escrita e de sua notação. Supondo que a qualidade das experiências com leitura e escrita, vivenciadas nessa etapa da escolaridade, é fundamental para assegurar aos alunos uma boa iniciação no mundo da escrita, torna-se urgente analisar, em detalhe, o efeito de distintas práticas sobre a evolução dos conhecimentos dos aprendizes a respeito da linguagem que se usa ao escrever e da notação alfabética, a fim de repensar novas propostas curriculares para as séries iniciais do Ensino Fundamental, que possam sanar ou ao menos diminuir tais déficits no processo de aquisição da linguagem escrita.

Queremos a partir desse crivo, enfatizar a necessidade de que o processo de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética aconteça desde muito cedo já que a partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1979) os pequenos sabem e pensam sobre a escrita antes do ensino fundamental, e dessa forma, é elementar que se desenvolva um ensino sistemático sobre esse objeto de ensino, envolvendo as crianças, desde cedo, em práticas sociais de leitura e escrita. Sendo assim o uso de jogos pedagógicos efetiva-se numa alternativa didática que tende a desafiar os educandos no que se refere a seus conhecimentos sobre a escrita, além de propiciar às crianças um aprendizado que ocorra permeado de ludicidade e experiências significativas, numa prática de “alfabetizar brincando” (cf. MORAIS, 2005). Nesse sentido, o processo de alfabetização precisa além da tradicional cópia; de práticas que considerem os conhecimentos prévios do educando, levando-o a ser autor e construtor de seu próprio saber, de modo que o discente pense sobre a notação escrita, bem como sobre a linguagem escrita em conformidade com Leal, Albuquerque e Leite (2005).

Partindo desse pressuposto, destacamos a importância de se fazer um estudo sobre como conduzir o educador em sua prática pedagógica no ensino do SEA, de modo que ao docente cabe imergir a vida de seus alunos as mais diversas práticas de letramento possíveis para que mais que silabar, os educandos possam desde cedo, entender os mais diversos usos e funções da língua. Este trabalho tem, pois, por objetivo geral ampliar os conhecimentos dos educandos no que se refere ao aprendizado sobre o sistema de escrita, bem como da linguagem que se usa para escrever, por meio de jogos e práticas de reflexão sobre o SEA, favorecendo o contato dos mesmos com o mundo letrado, além de analisar as possibilidades de ensinar os princípios do SEA com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, foram vivenciadas etapas que levaram tais alunos a refletir sobre os

aspectos relativos à consciência grafológica e fonológica a partir do trabalho lúdico e reflexivo com jogos alfabéticos e sequência de atividades.

1. DOS ANTIGOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO ÀS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Ao refletirmos sobre a alfabetização, é importante pensarmos na contribuição da psicogênese da língua escrita para o processo de ensino-aprendizagem. A visão tradicional de alfabetização concebe que basta ao aluno o domínio da técnica de escrever, acredita-se que se aprende a ler e escrever memorizando sons, letras e sílabas. Há uma busca eterna por uma receita infalível de alfabetização na busca por um método; de acordo com Kury (2002, p. 701) “significa um conjunto de meios usados para chegar a um resultado”. Em se tratando do campo científico Kury (2002) diz que o método nesse sentido “é uma técnica, processo de ensino” (p. 701).

Segundo Galvão e Leal (2005), os métodos de alfabetização mais utilizados se dividiram em três grupos: os sintéticos, os analíticos e os analítico-sintéticos. No primeiro grupo a estrutura da escrita é realizada de forma “mais simples”, como por exemplo, parte das unidades menores (letras, fonemas ou sílabas) para as unidades maiores (palavras, frases, textos). As práticas de ensino voltadas para este método defendem que a aprendizagem é mais fácil quando se parte das unidades mais simples, para depois conhecer as unidades inteiras e significativas.

Os métodos analíticos, por sua vez, partem do uso de frases ou pequenos textos, para em seguida entender as partes menores que os compõem (letras e sílabas), como por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas. Também defende que é um ato de leitura global e audiovisual. Como afirma Decroly (1906, apud, GALVÃO E LEAL, 2005 p. 294): “Significa ir do composto concreto para chegar aos detalhes abstratos (sílabas, letras)”.

Por fim, os métodos analítico-sintéticos partem de palavras, frases e textos para em seguida se fazer a decomposição das unidades maiores para as menores. Encontra-se nesse método a palavração, no qual o aluno aprende as palavras, depois as separa em sílabas e formam novas palavras. Um grande representante desse processo foi Paulo Freire, que buscou trabalhar com palavras relacionadas à realidade dos alunos e depois fazer uma análise das sílabas dessas palavras.

É importante destacar que os antigos métodos não consideram o conhecimento prévio que a criança traz consigo antes de adentrar na escola. No entanto, é sabido que o aluno mesmo sem estar na escola tem contato com materiais escritos diversos em seu

cotidiano e que estes devem ser levados em conta na hora de alfabetizar. Dessa forma é necessário recriar estratégias, alternativas didático-metodológicas que visem ensinar aos alunos uma nova forma de ver e entender o mundo através da leitura e produção de textos, tendo em vista que os antigos métodos não tinham a preocupação de formar sujeitos críticos e leitores conscientes.

Os estudos sobre a psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky foram desenvolvidos na busca de se compreender as hipóteses das crianças sobre o sistema de escrita alfabética, a partir da antiga concepção que para aprender a ler e escrever bastava ao indivíduo à aprendizagem de um código e passaram a indagar que a aprendizagem da escrita envolve um processo de construção sobre esse sistema, no qual a criança precisa compreender o que a escrita nota e como ela nota. A partir de tais estudos pode-se compreender as diversas formas de escrita das crianças e analisar a partir dos escritos das crianças quais as reflexões da língua a serem feitas, as chamadas garatujas, tomaram significado num processo de construção da escrita, na qual a criança vai tentando descobrir o funcionamento do SEA. Para uma melhor compreensão dos níveis de escrita, apresentaremos uma breve discussão sobre esse estudo.

No nível pré-silábico, período de não fonetização da língua, é o estágio no qual alguns alunos acreditam que escrever é a mesma coisa que desenhar, e assim, nenhuma relação entre escrita e pauta sonora é estabelecida. Nesse nível podemos encontrar crianças que apresentam dificuldades em diferenciar letras de números; escrevem utilizando desenhos, garatujas, rabiscos ou números. Casos de realismo nominal também são bastante corriqueiros, de modo que o aprendiz associa a palavra diretamente ao objeto em questão ao significado e não ao significante, como por exemplo, se for solicitado, a escrever a palavra CASA, ele vai achar que a palavra precisa de muitas letras porque a CASA é um objeto grande. Nesse nível a preocupação deve estar direcionada para aprendizagem dos princípios do sistema de escrita alfabética e de familiarização com as letras e várias atividades de familiarização com as letras podem auxiliar o aluno nesse estágio de desenvolvimento, como por exemplo, bingo de letras; poemas; trava-línguas; atividades de consciência fonológica, tais como textos que fixem os sons iniciais e finais das palavras (LEAL, 2005).

No nível de escrita silábico, a criança começa a perceber que a escrita está relacionada com a pauta sonora, período em que se inicia o processo de fonetização da escrita, nesse nível a quantidade de palavras grafadas corresponde à quantidade de segmentos silábicos pronunciados. Como por exemplo, os alunos escrevem a palavra

ESCOLA (TBF), marcando uma letra para cada sílaba, mas essa letra não corresponde ao fonema convencional, e em outro momento mais avançado de reflexão, escreve escola marcando uma letra para cada sílaba e esta sílaba corresponde ao fonema convencional, por exemplo, ao escrever ESCOLA, grafa com “EOA”. Essas duas etapas distinguem-se em silábico de quantidade, no qual cada sílaba é marcada por uma letra aleatória e de qualidade, no qual cada sílaba é marcada por uma letra que a corresponde. Algumas atividades sugeridas para esse nível são: atividades que trabalhem a familiarização com as letras, atividades com palavras estáveis, atividades de consciência fonológica com correspondência escrita (LEAL, 2005).

No nível silábico-alfabético o aluno já faz correspondência entre grafemas e fonemas. A característica marcante desse nível é que o aluno nem sempre marca todas as unidades menores que as sílabas, não descobriu a relação existente entre fonema e grafia. Nesse nível podemos sugerir algumas atividades que sistematizem as correspondências grafofônicas, tais como: produção de textos, produção de frases relacionadas com imagens, escrita de palavras e frases com alfabeto móvel e silabário, cruzadinha, atividades de completar palavras, caça-palavras, dentre outras.

Por fim, no nível alfabético, a criança preocupa-se em fazer correspondências com todos os fonemas. Após essas conquistas, inicia-se um longo caminho de aprendizagens sobre a norma ortográfica.

Tendo em vista todas as etapas percorridas acima, nota-se a importância de se refletir sobre as implicações da psicogênese para a prática do professor alfabetizador, e que este por sua vez, compreenda e reflita em como se dá o processo de alfabetização e suas implicações, a fim de que ele possa propor a partir desses conhecimentos atividades que visem atender às especificidades e expectativas dos alunos, como também colaborar para o desenvolvimento dos mesmos.

2. A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.

Segundo Freitas (2004), a consciência fonológica faz parte dos conhecimentos metalinguísticos, e permite aos sujeitos refletirem e operarem sobre os sons da fala e a estrutura da palavra. Esta que pode ocorrer implícita ou explicitamente, tendo em vista que tal habilidade pode ser construída e demonstrada progressivamente em nível de maior ou menor grau, durante o aprendizado da língua.

Tal conhecimento auxilia o sujeito na reflexão sobre as partes que compõem a palavra, de modo que o indivíduo percebe que as palavras são formadas por diferentes sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores. Isto implica capacidades do indivíduo operar com os fonemas ou sílabas através de atividades que exijam contar, segmentar, adicionar, suprimir, substituir, de forma implícita ou explícita, rimas, aliterações, sílabas, fonemas. (cf. MORAIS, 2006).

Diante do acima exposto percebe-se a importância do professor conhecer este campo de conhecimento para o ensino da língua portuguesa a fim de trabalhar com os alunos em processo de alfabetização estratégias que facilitem a compreensão dos sons que compõem a palavra e auxiliem assim no processo de apropriação da linguagem escrita, como por exemplo, o trabalho com jogos e brincadeiras que auxiliem na reflexão das relações grafema-fonema, como afirmam (FREITAS, 2004, p. 192): “...mesmo as atividades fonológicas informais, como o jogo natural e espontâneo encontrados em histórias, músicas e brincadeiras, podem resultar em ganhos positivos no desenvolvimento da leitura e da escrita”.

3. O QUE SERIA ALFABETIZAR LETRANDO?

Considerando que o processo ensino – aprendizagem na alfabetização perpassa por vários caminhos até alcançar o desenvolvimento e formação de leitores críticos e conscientes, é que se faz necessário refletir sobre a importância de se alfabetizar na perspectiva do letramento.

De acordo com estudos feitos pelo Censo Demográfico observamos que até 1940 eram consideradas alfabetizadas aquelas pessoas que sabiam ler e escrever, e para, comprovar essa afirmação, escreviam seus próprios nomes. Só então a partir dos anos 50 até o último Censo (2000) eram consideradas alfabetizadas, aquelas pessoas que sabiam ler e escrever um bilhete simples. Sendo assim, o conceito de alfabetização passou a ser considerado um processo muito mais amplo, uma vez que passou a abranger o uso da leitura e escrita incluída em uma prática específica de escrita.

Diante do acima referido, as pesquisas apontam que muitos sujeitos ao concluírem a educação básica estão inaptos ao uso da leitura e escrita para fins do cotidiano, como por exemplo, entender o uso e composição de um bilhete, carta, rótulo e outros gêneros discursivos inseridos na sociedade. Assim, surgiu o conceito de “analfabetismo funcional”, ou seja, as pessoas sabem ler e escrever, mas, não fazem uso de práticas de leitura e escrita essenciais no exercício da cidadania.

Na década de 1980, as preocupações acerca da alfabetização começaram a voltar-se para um novo conceito, o de “letramento”. De acordo com o Dicionário Houaiss (2001) letramento é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”. Sendo assim, existem pessoas que podem não saber ler e escrever (não estão alfabetizadas), mas conseguem participar de eventos sociais mediados pela leitura e escrita, fazem uso da leitura e da escrita (letramento).

Os termos alfabetização e letramento são distintos, mas é um processo inseparável (cf. SOARES, 2003). Cada um desses fenômenos tem a sua especificidade e função. Soares (2003) explica que o termo alfabetização corresponde ao processo pelo qual se adquire uma tecnologia, a escrita alfabética e as habilidades de utilizá-la para ler e escrever. Já o letramento relaciona-se ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita.

Dessa forma enfatizamos a importância de que o processo de letramento deve está incluso na prática pedagógica a partir da educação infantil até a conclusão de todo percurso escolar. Alfabetizar a partir do letramento oportuniza ao aluno uma nova forma de conceber e perceber a aquisição da leitura e da escrita, uma vez que os alunos aprendem a ler e escrever fazendo uso da leitura e da escrita.

4. OS JOGOS PEDAGÓGICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Tendo a intenção de tornar a alfabetização um período agradável na vida dos discentes, é que se têm investido no uso de jogos pedagógicos, uma vez que estes tornam o processo ensino – aprendizagem muito mais interessante e enriquecedor para os docentes e discentes envolvidos com essa ferramenta de ensino.

De acordo com Leal, Albuquerque e Leite (2005), o uso de alguns materiais didáticos pode auxiliar o docente na organização do seu trabalho pedagógico e os discentes na compreensão sobre o SEA, como por exemplo, os jogos de alfabetização, que por serem instrumentos atrativos, envolvem as crianças num momento de aprendizado lúdico e reflexivo, além de ensinar preceitos como o respeito às regras e aos demais participantes, entre outros como o saber ganhar e perder e não trapacear. Nesse estudo, daremos ênfase aos jogos pedagógicos, visto que pretendemos discutir sobre como se dá a aprendizagem no processo de alfabetização.

Segundo Kishimoto (2003), os brinquedos educativos surgiram no fim do século XVIII como um dos recursos a ser utilizado no processo de desenvolvimento psíquico,

social e cognitivo da criança, mas só é utilizado com a finalidade de educar a partir do século XIX, com o crescimento da educação infantil.

Os jogos e os brinquedos surgiram de acordo com o contexto histórico, cultural e tecnológico de cada sociedade, como cita Kishimoto (2003, p.17):

[...] enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este aspecto que nos mostra porque, dependendo do lugar e da época, os jogos assumem significações distintas. Se o arco e a flecha hoje aparecem como brinquedos, em certas culturas indígenas representavam instrumentos para a arte da caça e da pesca. Em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não-séria. Já nos tempos do Romantismo o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança.

É importante salientar que para ser considerado pedagógico, o jogo precisa estar voltado para a aprendizagem de algum conteúdo, de alguma disciplina, como defende Kishimoto (2003, p.36): “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge à dimensão educativa.” No caso dos jogos de alfabetização defendemos que são importantes aliados no ensino do SEA, uma vez que permitem ao aluno potencializar sua criatividade e construção do conhecimento sobre a escrita.

Leal (2005), considerando a diversidade de jogos e seus estilos, divide os jogos em dois grupos: de enredo ou imaginativo e os jogos de regras. Nesse primeiro tipo jogo as crianças interpretam papéis diferentes de cunho social e as regras são à base da brincadeira, só que essas regras nesse contexto estão implícitas, já que as crianças estão agindo conforme “padrões” estabelecidos na sociedade. Como por exemplo, quando brincam de escola, as crianças obedecem às regras da escola.

Por outro lado, os jogos de regras estão mais direcionados para finalidade do jogo, a imaginação aqui fica oculta, visto que a atenção está voltada em cumprir as regras. Nesse tipo de jogo as crianças não estão atentas em representar papéis, mas em cumprir as exigências impostas no jogo. Dessa forma, tanto um jogo de enredo, quanto o de regras, tem sua importância no desenvolvimento social e moral da criança, uma vez que os mesmos envolvem os participantes em situações próximas da realidade e de suas experiências cotidianas.

No entanto, nem sempre os jogos conseguem despertar o interesse do aluno, bem como não é o único recurso a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Desta maneira é que a mediação do professor e a proposição de outros materiais didáticos são essenciais na compreensão do funcionamento do SEA. É fundamental que o professor conheça o que o aluno já sabe sobre a escrita e o que precisa saber, para que assim utilize materiais que promovam a aprendizagem sobre esse sistema.

Ao considerarmos os níveis de escrita, de acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) já citados no início deste trabalho, Leal, Albuquerque e Leite (2005) classificam os jogos de acordo com os princípios do SEA. Diante disso será feita uma breve referência sobre os grupos de jogos utilizados pelas autoras: jogos de análise fonológica, jogos que ajudam a refletir sobre os princípios do SEA e jogos que ajudam a sistematizar as correspondências grafofônicas e a desenvolver fluência de leitura.

Jogos de análise fonológica: este jogo é indicado para crianças que estão no processo de alfabetização e encontram-se nos níveis de escrita pré-silábica e silábica. Assim, o objetivo deste jogo é fazer a criança perceber os segmentos sonoros da palavra, ou seja, refletir através das rimas, imagens, palavras, estabelecendo relações entre elas.

Jogos que ajudam a refletir sobre os princípios do sistema alfabético: o objetivo desse jogo é fazer as crianças conhecerem as letras do alfabeto e seus nomes, compreenderem que a escrita parte da esquerda para a direita, perceber que as palavras são formadas por sílabas. Este jogo é indicado para crianças que estão nos níveis de escrita pré-silábica e silábica.

Jogos que ajudam a sistematizar as correspondências grafofônicas e a desenvolver fluência de leitura: Esse jogo busca sistematizar as correspondências grafofônicas, ou seja, relacionar letra e som – perceber os segmentos sonoros da palavra. No que se refere à aptidão da leitura, jogos envolvendo o uso de pequenos textos, palavras é importante nesse processo. As crianças envolvidas nesse tipo de jogo estão nos níveis de escrita silábico, silábico – alfabético e alfabético.

Diante dessa discussão observamos a relevância do trabalho com jogos, principalmente quando utilizado no processo de alfabetização, e de como estes auxiliam no desenvolvimento do aluno seja para aquisição da linguagem de escrita, seja para construção de valores morais e sociais. Em suma, os jogos são importantes auxiliares didáticos e devem fazer parte da prática cotidiana do professor.

• METODOLOGIA

Inúmeras atividades de reflexão sobre a notação escrita e sobre a linguagem que se usa para escrever foram desenvolvidas ao longo desse período letivo, utilizando como instrumento de avaliação os resultados arraigados nesse trabalho, três sondagens realizadas (no início, meio e fim do trabalho da intervenção) a fim de identificar a condição de escrita que cada criança se encontrava, tomando por base, Ferreiro e Teberosky (1979), que mostram a psicogênese da língua escrita, a qual nivela a aquisição da língua escrita em quatro hipóteses, sendo elas a pré-silábico quando o aluno ainda não compreende que a escrita está relacionada com a pauta sonora, e por isso o mesmo escreve utilizando garatujas, rabiscos, desenhos, entre outros; a hipótese silábico-alfabético, quando o sujeito já entende essa relação grafema fonema e passa a marcar uma letra para cada sílaba, num estágio inicial (quantitativo), não fazendo correspondência grafofônica e num segundo estágio (qualitativo), utilizando essa relação; na hipótese silábico-alfabético, a criança já nota que cada sílaba é composta por mais de uma letra, embora ainda não tenha propriedade para escrever todas as letras que compõem a palavra; e por fim, a hipótese alfabética, na qual o aluno já sabe escrever corretamente, tendo apenas alguns deslizes de ordem gramatical.

Dessa forma, foi possível elencar atividades e estratégias de ensino direcionadas a cada nível. Para que assim, pudessem ser atendidas as carências apresentadas nos níveis das crianças. As atividades desenvolvidas ao longo do projeto foram de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética (SEA), a partir do trabalho com dominó de palavras; roleta de rimas; jogos e textos que trabalham com rimas a fim de que os alunos refletissem sobre os segmentos sonoros que compõem a palavra, trazendo sempre o lúdico para o cotidiano escolar; atividades de familiarização com as letras, tais como leituras diárias, exposição de cartazes, rótulos de embalagens, bingos de nomes; atividades de rimas, reconhecimento de palavras que comecem ou terminem com a mesma letra ou sílaba; atividades de decomposição e composição de palavras, dentre outras, a fim de que os alunos aprendessem não só a codificar e decodificar textos, mas sim que o mesmo tenha propriedade para fazer uso das ferramentas da leitura e da escrita.

A partir das sondagens, pudemos observar as principais carências na sala de aula, o que facilitou um melhor planejamento das atividades para suprir tais dificuldades. Dentre tantas, a leitura deleite sempre esteve presente como atividade permanente na sala de aula, tendo em vista que em conformidade com Solé (2008) “O

processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos tipos de textos que se propõe a ler”, para que assim o indivíduo diferencie os mais diversos gêneros textuais, conheça suas características específicas e utilize corretamente as ferramentas necessárias tanto para a leitura, quanto para a escrita de textos, através das quais o aluno possa identificar a mensagem global contida no texto, além de analisá-lo criticamente de acordo com seus conhecimentos prévios e da identificação dos problemas de entendimento, nos quais haja a necessidade de parar e reler o fragmento não compreendido em seu contexto, a fim de compreender o texto em sua totalidade.

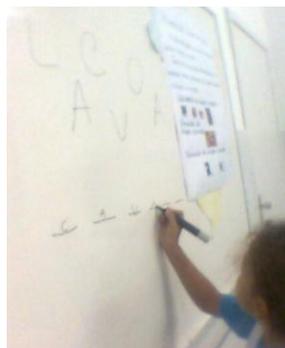
Foi ainda realizada uma sequência didática com o gênero trava-língua. Para isso, foi feita uma explanação acerca do que seria o trava-línguas, quais os trava-línguas que elas conheciam e se sabiam falá-los sem travar. O que nos possibilitou trabalhar a noção de sílabas e da mudança de uma ou duas letras que efetuam a mudança da palavra e conseqüentemente o sentido desta, além da relação grafema-fonema estabelecida nas reflexões desse texto.

A sequência didática trabalhando o gênero publicitário a partir do trabalho com rótulos de embalagens foi bastante positivo, num trabalho que teve como ponto de partida o conhecimento prévio das crianças acerca das palavras grafadas nas embalagens. Num primeiro momento, de identificação da palavra, as crianças lançaram questões sobre a estética da letra, diferente da letra bastão conhecida entre eles, e as discussões sobre os famosos jingles das marcas, a exemplo de “Menino treloso quer comer biscoito, biscoito Treloso só Vitarella tem” e de “Nescau, energia que dá gosto” para que a culminância dessa sequência resultasse na criação das propagandas criadas por eles próprios.

Por meio da brincadeira da “forca” muito conhecida entre os pequenos, foi possível trabalhar o sistema de escrita alfabética por meio das hipóteses das crianças para descobrir a palavra em questão a partir do número de letras e da natureza semântica desta. Cada aluno tinha uma chance de indicar uma letra ou palavra. Essa atividade foi bastante prazerosa, pois possibilitou aos educandos pensarem na resposta a partir das letras já respondidas pelos outros colegas, e mesmo aqueles alunos que ainda não haviam se apropriado do SEA, puderam participar da brincadeira em parceria com as outras crianças.

O jogo da pescaria, outra prática lúdica também foi uma atividade bastante produtiva no que condiz o crescimento dos pequenos aprendizes por meio do uso reflexivo do SEA. A brincadeira propunha que os alunos pescassem um peixe e em

seguida formassem uma palavra com as letras dispostas no próprio peixe; aqueles que já sabiam ler escreviam no quadro sem ajuda alguma de um mediador; essa foi uma prática desafiadora para aqueles, que mesmo tendo posse de tais habilidades, tiveram que unir as letras na ordem correta a fim de descobrir qual a palavra presente no peixe, já os que não sabiam ler, precisaram a indicar para os colegas quais as letras dispostas para então receber auxílio tanto deles, quanto da mediadora, indagou toda a turma a fim de formar a palavra correta.



Além desses jogos e brincadeiras, vimos ainda necessidade de trabalhar individualmente com aqueles alunos que apresentavam maiores dificuldades na escrita. Então, numa nova estratégia, trabalhamos com alfabetos móveis, jogos de nomes, embalagens, entre outros instrumentos, a fim de auxiliar mais de perto os pequenos que ainda não tinham muito conhecimento das letras, palavras estáveis e alguns que não sabiam nem mesmo escrever seus nomes. Esse trabalho paralelo foi bastante produtivo, tendo em vista que no atendimento individual, a criança perdia o medo do erro e passava a questionar, tentar escrever da forma como sabia, e fazer comparações com outras palavras que se iniciavam ou terminavam com o mesmo som.

• RESULTADOS

Os trabalhos desenvolvidos ao longo do período letivo contribuíram bastante na formação de alunos mais reflexivos e autônomos, no que se refere às práticas da língua, a partir de produções que não serviam meramente para composição de notas escolares, trabalhando a partir dos conhecimentos prévios dos alunos para a ampliação das habilidades e ferramentas necessárias ao desenvolvimento de sua cidadania, a turma em questão teve um aumento bastante positivo no que se refere ao lançamento de hipóteses das crianças que dessa forma, vão aos poucos se apropriando do que escrever, para quem escrever e como escrever a partir do conhecimento que elas adquirem em seu dia a dia sobre o funcionamento da escrita.

O que se percebe na prática com os alunos é que eles vão aos poucos articulando as práticas sociais aos objetivos escolares desenvolvidos com o projeto. No momento em que as atividades trabalhadas têm como objetivo a aprendizagem e o processo de alfabetização com eficácia há um desdobramento de seu uso e sua aplicação na vida, pois a escrita não constitui apenas como instrumento de comunicação, mas assume, ao mesmo tempo, o papel de objeto de ensino e aprendizagem. O aprendiz foi se apreendendo no decorrer do projeto de diversos gêneros textuais, tendo propriedade para diferenciar os mais diversos gêneros textuais conheça suas características específicas e utilize corretamente as ferramentas necessárias tanto para a leitura, quanto para a escrita de textos, através das quais o aluno possa identificar a mensagem global contida no texto, além de analisá-lo criticamente de acordo com seus conhecimentos prévios e da identificação dos problemas de entendimento, nos quais haja a necessidade de parar e reler o fragmento não compreendido em seu contexto, a fim de compreender o texto em sua totalidade.

A partir desse trabalho e da parceria com a docente da sala de aula, grandes avanços puderam ser alcançados de modo que foram apresentadas melhoras significativas na apropriação do sistema de escrita alfabética por meio das atividades lúdicas desenvolvidas no projeto ao longo de todo o período letivo. A tabela a seguir ilustra um pouco acerca dos muitos avanços ocorridos no decorrer da pesquisa.

Níveis	Início do Projeto Julho de 2011	Meio do Projeto Dezembro de 2011	Fim do projeto Junho de 2012
Pré-silábico	80%	30 %	4%
Silábico-inicial	10%	12 %	21%
Silábico-alfabético	10%	19 %	16%
Alfabético	0%	39 %	59%

Podemos perceber a partir dos dados acima, um progresso bastante positivo no que condiz a apropriação do sistema de escrita alfabética por meio dos alunos de uma turma de 1º ano que no início do ano não sabiam escrever nem mesmo seus próprios nomes, e hoje já se encontram em níveis mais avançados, sendo capazes até mesmo de escrever pequenos textos de forma autônoma e reflexiva, como ilustram os dados em anexo a partir dos quais se pode constatar mudanças bastante significativas na escrita das crianças, a exemplo do aluno 1 que se utilizava da escrita unigráfica (uma letra para cada palavra) no início do projeto, e agora já se encontra na hipótese silábico-alfabética.

A criança 2 que estava no nível silábico inicial, teve um avanço considerável para o nível alfabético, além da criança 3 que apresentou um avanço no decorrer do projeto com um progresso da hipótese pré-silábico à silábico-alfabética e depois tendo avançado para o nível alfabético. Todos esses avanços devem-se a parceria bolsista-professor de sala de aula e de todas as atividades desenvolvidas ao longo do período letivo, desde as atividades coletivas, até mesmo os atendimentos paralelos àqueles que tinham mais dificuldades.

diego diego

A
V
P
S
X
A
R
V

RA
OI
PEXE
SAPO
XAI
ABA
AXORO
OOETA

Figuras 1 e 2 - Sondagem Inicial e Final do aluno 1

Maria Maria Maria Zulevia

A
P
POCF
SACA
GIRFA
AORSO
OIFA

BOIA
PEIXE
SATO
GROTA
CAXORO
BOBOLETA

Figura 2 e 3 - Sondagem Inicial e Final do aluno 2

Katque da sm

ROUVY nã
UVOU boi
SROU sapo
PSUO peixe
ASUV abelha
GUV girafa
KOGV caxoro
DOGV boboleta

KATQUE DA SILVA

RA BOI PEIXE SAPO GIRAFÁ

ABLA CAXORO BOBOLETA

KATIQUE DA SILVA

- RA
- BOI
- PEIXE
- SAPO
- GIRAFÁ
- ABELHA
- CAXORO
- BOBOLETA

Figuras 4, 5 e 6- Sondagem Inicial intermediária e Final do

• CONCLUSÃO

O presente artigo buscou discutir a importância do trabalho com jogos alfabéticos e sequências de atividades lúdicas, numa perspectiva de que o ensino ocorra de maneira significativa e reflexiva, com o intuito de ampliar os conhecimentos dos educandos em relação ao aprendizado sobre o sistema de escrita alfabética. Foi possível constatar uma contribuição significativa para a formação de crianças produtoras de textos, envolvidas em situações sociais letradas, de modo que elas não sejam capazes apenas de codificar e decodificar textos; mas também façam uso das ferramentas da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais. Foi possível, portanto, constatar uma interação real entre aluno-aprendizagem a partir de metodologias eficazes que possibilitaram uma nova visão da língua enquanto instrumento de comunicação.

As atividades e jogos aplicados contribuíram bastante para tornar o aluno mais reflexivo, auxiliando-o a ter mais clareza nos usos e práticas de escrita, pois essas produções não são apenas redações para compor tarefas ou notas, mas estão sendo discutidas a partir do conhecimento que o aluno tem sobre o tema para então iniciar sua escrita.

Em consonância com estas observações sobre o tema em pauta, pode-se dizer que o trabalho com jogos é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus diversos usos autênticos no dia-a-dia, num trabalho lúdico e reflexivo, o que faz o aluno agir objetivamente.

É, pois, preciso trabalhar em sala de aula estratégias que façam com que o aluno seja letrado de modo a reconhecer e saber utilizar os usos funções da língua, e dessa forma, este possa tornar-se cidadão crítico e reflexivo em suas produções. No entanto não se deve esperar que as crianças aprendam naturalmente as habilidades necessárias a apropriação do SEA; é necessário ao docente assumir o papel de mediador desse processo de aprendizado da escrita o qual precisa ser realizado a partir de estratégias que tragam autonomia para que a criança tenha ciência do que escrever, como escrever e para quem escrever, ao invés de apenas fazer cópias e produções sem significado algum.

• REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília ; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

FREITAS, G. C. M. Sobre a consciência fonológica. In: LAMPRECHI, R. (Org.). **Aquisição do português**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 179-192.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GALVÃO, A.; LEAL, T. F. Há lugar para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-28.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: _____. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 13-43.

KURY, A. G. **Minidicionário Gama Kury da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2002.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B.; LEITE, T. M. R. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 111-132.

LEAL, Telma F. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, E. B. C. ; LEAL, T. F. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAIS, A. G. ALBUQUERQUE, E; LEAL, T (org). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2005.

MORAIS, A.G. Consciência Fonológica e metodologias de alfabetização. **Presença Pedagógica**. v.12, p. 59-67, jul/ago.2006.

SOARES, Magda. Alfabetização: a resignificação do conceito. IN: SOARES, Magda. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo, n. 16, p. 9-17, jul/2003.